

O mal-estar na cultura: sobre a possibilidade de tradução do diagnóstico de época do PIC.

Discomfort in culture: on the possibility of translation of the period diagnosis of the PIC.

MARTÍN MEZZA

RESUMO:

A proposta é pensar os diagnósticos de época de nosso programa de investigação (PIC) a partir da tensão entre o universal e o particular; e refletir sobre o internacionalismo ou o ponto zero dos mesmos. Interrogar a ausência do significante “eurocentrismo” no PIC -presente na carta de refundação da instituição- e de referências pós-coloniais ou decoloniais. A partir daí, argumentar a favor da introdução do racismo como diagnóstico de época capaz de alcançar maior precisão sobre os sofrimentos particulares de uma determinada cultura.

PALAVRAS-CHAVES: racismo – Lacan – Freud – APOLa – programa de investigação – mal-estar na cultura – psicanálise.

ABSTRACT:

The proposal is to think about the period diagnoses in our research program (PIC) based on the tension between universal and particular; and to reflect on internationalism or point zero thereof. Interrogate the absence of the signifier “Eurocentrism” in the PIC -present in the institution's refounding letter- and of postcolonial or decolonial references. From there, argue in favor of the introduction of racism as a period diagnosis capable of achieving greater precision about the particular sufferings of a given culture.

KEYWORDS: racism – Lacan – Freud – APOLa – Investigation programme – unrest in culture.

Escolhemos a interrogação e a argumentação lógica como ferramentas indispensáveis para aceder aos conhecimentos específicos da nossa prática. Não aceitamos argumentos dogmáticos ou de autoridade – baseados no prestígio e/ou na hierarquia da pessoa que os enuncia. Praticamos constantemente a crítica dos nossos próprios argumentos e dos argumentos dos outros.¹

Escolhi falar em português não porque estou no Brasil ou por hábito, mas porque falo, antes de tudo, para meus colegas no Brasil que não precisam de tradução para o que estou aqui para dizer. É

¹ PIC. Premissa número 2, <https://apola.online/programaPIC>. p. 3.

claro que me dirijo também àqueles que não moram no Brasil. Para eles, esclareço que meu lugar de enunciação é semelhante ao que Pierre Bourdieu utilizou em sua famosa conferência no Japão – não sei se o que digo pode ser interessante para sua realidade (aplicável/traduzível), isso fica com vocês. De qualquer forma, penso que sim e por isso estou fazendo uma primeira tradução para o espanhol.

A pergunta inicial é para todos. O PIC é universal? Pode ser internacional? Digo melhor: o diagnóstico das tendências (de época) que produzem o sofrimento com que opera a psicanálise é válido (idêntico) para todas as sociedades e culturas em que há representação da psicanálise que propomos em APOLa? A psicanálise que propomos em APOLa pode ser idêntica, traduzível sem deixar vestígios, em todas as culturas e sociedades?

Está claro que estas perguntas não poderiam ter sido feitas desde o início. Mas agora, depois de alguns anos em que o significante internacional atravessa novas e diferentes sedes, entendo que estas questões não podem ser omitidas. A esta altura, o diagnóstico de sofrimento articulado no PIC pode ter um centro, uma origem, um ponto zero? Pode ser um? Por fim, será que todos nós, sócios – das diversas regiões, mas especialmente do Brasil –, que aderimos ao diagnóstico atual do PIC, pensamos suficientemente sobre essas questões?

Confesso que essa preocupação estava comigo desde o início. Mas rapidamente sofreu repressão e regressou com mais força e transparência há pouco tempo. Após esse percurso, a sua formulação atual: mantemos a mesma descrição (internacional) do mal-estar social e cultural de época, por que consideramos que não há diferença em nossos contextos particulares ou por que se nos passou, por que não pensamos o suficiente? A descrição (todas, algumas) feita no PIC sobre as tendências que operam como origem do sofrimento enfrentado pela psicanálise contempla adequadamente as diferentes realidades de nossas sedes?

Reproduzo alguns diagnósticos de época presentes no PIC (pp. 13-14):

Individualismo	Acentuação extrema da concepção atômica do sujeito: cada um é como uma esfera numa sociedade concebida como 1+1+1+... (como bolas de bilhar).
Biologicismo	O que há de mais real e autêntico em cada pessoa é o seu corpo biológico e o que dele provém.
Sexualização da identidade	O ser dado pela identidade sexual: sou homem, mulher, gay, lésbica, trans, queer, +... “Sexistência” para Davidson ou “sex-dução” para Lipovetsky.

Niilismo	Não existem valores ou significados transcendentais além das satisfações imediatas das necessidades e gostos individuais.
----------	---

Acredito que posso imaginar dois consensos mínimos:

1) Que você pode concordar comigo que as palavras-chave a serem pensadas aqui são origem e tendência.

2) E que essas descrições das tendências que produzem sofrimento são muito gerais e iniciais (tendências/origem). Isto é, muito amplo e sem localizar bem (explicitamente) nem as referências teóricas nem históricas que foram utilizadas.

Geral não é universal. Mas para que o geral não se confunda com o universalismo, temos que saber localizar as particularidades. Tomemos o caso do individualismo, mas a lógica, entendo, é válida para todos os diagnósticos – apresentei recentemente no seminário central – *Modernidade, psicanálise e pós-modernidade*, Brasília, 2023 – algo nesse sentido sobre o diagnóstico da época que fazemos através do niilismo. Para quem não participou, articulei uma forma de pensar a falta de sentido mediante a incorporação da referência pós-colonial, ou seja, entendo que o diagnóstico de niilismo que fazemos é profundamente influenciado pela referência eurocêntrica pós-moderna. Para incorporar a nossa particularidade e uma origem que não é apenas europeia, a referência aos estudos pós-coloniais e decoloniais é fundamental à hora de repensar os diagnósticos do PIC.

Continuemos com o caso do individualismo. Nosso programa de investigação define o individualismo como uma acentuação extrema da concepção atômica (1+1+1) do sujeito. Duas questões:

a) Esta descrição é suficiente para especificar qual poderia ser a resposta teórica e clínica da psicanálise de APOLa?

b) Esta descrição contempla as diferentes particularidades sociais e culturais do individualismo -todos os diagnósticos- ou as esconde?

Até não se formular a pergunta, não se pode ter certeza de que se tem uma resposta ou de que a resposta nos tenha a nós. Suponhamos que para a primeira pergunta respondamos não ou pouco. Nesse caso, seríamos forçados a tentar uma descrição alternativa ou complementária. Vamos avançar por aqui, pelo menos como um exercício de reflexão. Poderíamos pensar em partir da descrição de Georg Simmel para complementá-la com descrições das ciências sociais da América Latina, continuar com Lacan e terminar com desenvolvimentos dos parceiros da APOLa:

– Duas revoluções individualistas na história do Ocidente, fruto do Iluminismo, que procurou o homem na sua universalidade, que corresponde à concepção do indivíduo como cidadão livre e

autônomo, isolado de toda a sociedade; e a segunda revolução individualista, promovida através da ideologia romântica do século XIX, que inclui a dimensão da excepcionalidade e da singularidade do indivíduo moderno. O que importa agora não é mais ser um indivíduo livre como tal, mas ser um indivíduo singular e insubstituível. Mas teríamos que ver como isso acontece em cada lugar. Uma das muitas referências que poderíamos utilizar para a realidade brasileira é a dos hábitos precários de Jessé Souza.²

– A descrição de Lacan (1946)³ das neuroses modernas: sintomas histérico-hipocondríacos, inibições funcionais, formas psicastênicas de desrealização do outro e do mundo, fadiga (depressão), diferentes formas de fracasso e crimes sociais, baseados na identificação imediata com o ideal do eu.

– O resgate feito pelos sócios de APOLa da doutrina da loucura de Lacan e das posições subjetivas associadas a esta doutrina, bem como o trabalho sobre a responsabilidade subjetiva.

– A reformulação das neuroses como assunção da falta do Outro.⁴

Com este exercício nada se resolve. Apenas podemos considerar melhor se estas descrições nos permitem maior precisão na nossa resposta ao diagnóstico da época, ou seja, se orientam melhor as nossas pesquisas e práticas; e se são ou não mais adequados a uma ou outra realidade social e cultural. Mas hoje quero afirmar que articulando a segunda questão podemos avançar melhor na primeira. Fazer um diagnóstico das tendências e da origem do sofrimento com o qual operamos, capaz de considerar se inclui ou exclui as particularidades sociais e culturais das diferentes sedes e representações da APOLa, torna-se essencial para melhor orientar nossas pesquisas e práticas específicas. Portanto, é necessário considerar estas tendências na sua evolução, desenvolvimento e manifestação particular em cada contexto sócio-histórico.

Tento ser mais preciso. Penso que podemos partir do ponto comum da divisão natureza/sociedade/cultura e da definição de desconforto “para cada cultura” formulada por Alfredo Eidelsztein, como causado pela linguagem e pelo significante – perda do ser dado e do objeto natural. Podemos partir do consenso da revolução epistemológica moderna do sujeito da ciência para determinar o campo da psicanálise. Mas podemos seguir as suas consequências antropológicas ao longo de um único caminho, por meio de UM programa de investigação, mediante definições gerais do nosso programa atual?

² Souza, J. (2003). *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UFMG/Iuperj.

³ Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. Em *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 104-126.

⁴ Eidelsztein, A. (2008). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. Vol. I. Buenos Aires: Letra Viva.

Trata-se de poder pensar como o sujeito da ciência opera em cada cultura e na sua relação com as diferentes funções sociais. Se uma determinada tendência não precisa ser descrita na sua complexidade e diversidade; se uma determinada origem não precisa ser reformulada. Creio entender ser algo disto que se tratava quando, no contexto do seminário central deste ano, foi proposto avançar pela condição moderna e pós-moderna. Na época dizia-se: “trazer conteúdos para a formulação formal e abstrata do tema da ciência” – contextualização/particularidade social e cultural.

Fecho este enorme parêntese e retomo o trabalho sobre a pergunta inicial: a descrição que fazemos dos diagnósticos das tendências de sofrimento da época, que conteúdo, que particularidade, incluem ou excluem? O PIC, permanentemente citado, mantém o significante “eurocentrismo” na ausência. Por outro lado, esse significante está presente na carta de refundação da instituição (2019) – que não está disponível para leitura em nossa página.

O objetivo da refundação foi modificar o modo de funcionamento para avançar nosso Programa de Pesquisa Científica (PIC) e, assim, contribuir e trabalhar para uma psicanálise por vir, que possa: a- livrar-se de seus lastros mais pesados que hoje colocam em risco o seu futuro: **eurocentrismo**, androcentrismo, paternalismo, empirismo e responsabilidade subjetiva; e b- estar em sintonia com os problemas, conflitos e ideias atuais a partir de uma posição claramente antibiológica, antiindividualista e antiniilista que permita entrar num diálogo profundo, participando assim numa verdadeira “interterritorialidade científica”, a partir de uma hipotética posição epistemológica dedutivista com as ciências do nosso tempo, especialmente a física, a matemática, as neurociências e os estudos científicos de género, análise do discurso, sociológica, antropológica, histórica, etc.

Como sabem, a APOLa Salvador investiga, desde a sua constituição, ou seja, desde 2019, esta ausência/presença: o eurocentrismo. Produzimos vídeos públicos, textos, participamos de conferências e outros eventos, realizamos reuniões sobre o tema com outros sócios de APOLa e também com outras instituições e estamos relativamente próximos de publicar um livro. Resgatar esse significante – o eurocentrismo como base da psicanálise – e localizá-lo no PIC exige que sejamos capazes de escrevê-lo sob uma formulação diagnóstica. A proposta é fazê-lo a partir do colonialismo/pós-colonialismo. Isto significa que devemos incluir, na nossa leitura das tendências/ideais da *civitas* metropolitana da modernidade e da pós-modernidade, a linha abismal

produzida pelo colonialismo. Pensar no futuro da racionalidade moderna, incluindo o momento colonial.

Na APOLa entendemos que a psicanálise trata de um mal-estar que não é corporal, nem de tendências psíquicas ou psicológicas, mas sim de um desconforto específico da cultura. Um desconforto causado pela articulação significativa da linguagem e seus efeitos de perda do ser dado e do objeto natural. Ora, esta definição poderia ser estendida a toda cultura, como Lacan parece fazer em alguns momentos de sua obra, quando identifica a ação do significante já em tempos pré-socráticos, por exemplo. De qualquer forma, o mesmo autor vincula o surgimento da psicanálise a um momento muito particular da história da humanidade e do símbolo: na revolução epistemológica que dá origem ao sujeito da ciência. Esta revolução epistemológica, uma operação particular na articulação significativa e na ordem do conhecimento – o sujeito da ciência – teve as suas consequências antropológicas. Estas consequências antropológicas (da disciplina da ciência) devem ser consideradas em contextos históricos, sociais e culturais. A modernidade, a pós-modernidade e o pós-colonialismo funcionam como marcos capazes de oferecer certa contextualização. A contextualização histórica, social e cultural da pós-colonialidade e da decolonialidade é o que nos propomos a acrescentar aos critérios em que se baseiam os diagnósticos do nosso programa de investigação.

Talvez a forma mais direta – não digo que seja a única – da psicanálise conseguir uma articulação com esse mal-estar cultural seja aquela oferecida pelo lugar – inconsciente – que Homi Bhabha⁵ dá à cultura nas sociedades pós-coloniais. Este lugar pode ser resumido como a diferença cultural articulada aos limites enunciativos dos textos culturais caracterizados por fenômenos transnacionais e traducionais, que afetam a realidade do significado cultural.

Incluir o desconforto cultural pós-colonial e decolonial significa falar de racismo. Apenas algumas referências para ilustrar algo que todos sabem ou podem saber.

– A OPAS acaba de emitir um documento onde coloca o racismo como determinante social da saúde mental e destaca a sua centralidade para as políticas públicas em 2024 (América Latina e especialmente Brasil).

– O congresso de ciências sociais e humanas em saúde de 2023 (Abrasco) foi norteado por eixos como decolonialidade, racismo e gênero – APOLa Salvador esteve presente.

– A articulação de núcleos de pós-graduação (GT) de diferentes universidades federais, estaduais e privadas para trabalhar a pauta do racismo.

– A importância prática e teórica do movimento negro na visibilização das questões do racismo.

⁵ Bhabha, H. (2019). *O lugar de la cultura*. Buenos Aires: Manantial.

– Os dados epidemiológicos que apontam para a maior incidência de violência, problemas de Saúde Mental e suicídio da população negra no Brasil.

– Trabalhos de ressignificação da questão racial na cultura -cinema, teatro, literatura, museus, etc.

– E, também, muitos desenvolvimentos teórico-clínicos em nosso campo: ideal do eu branco; pacto narcísico da branquitude – pacto social de silêncio sobre questões de racismo –; mito da democracia racial; ideologia do embranquecimento; o racismo como neurose cultural brasileira; *Amefricanidade*, entre outros.

O substantivo “negro” serviu para designar seres não humanos como todos os outros, uma humanidade separada, de um gênero particular; pessoas que, pela sua aparência física, pelos seus hábitos e costumes e pelas suas formas de estar no mundo, precisam ser testemunhas da diferença do seu estado natural – somático, afetivo, estético e imaginário.⁶

[...] uma forma sistemática de discriminação que tem como base a raça, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para os indivíduos, dependendo do grupo social ao qual pertencem.⁷

A generalidade e a origem dos nossos diagnósticos de época trazem a marca do eurocentrismo. Uma forma de sermos mais precisos em nossos diagnósticos é incorporar a preocupação com a particularidade de nossa cultura e sociedade. E uma forma privilegiada de aceder a esta operação poderia ser resgatar o significante “eurocentrismo” do esquecimento e promover desenvolvimentos pós-coloniais e decoloniais -e não simplesmente pós-modernos. Por isso, em APOLa Salvador entendemos que no Brasil precisamos destacar uma particularidade do laço social e incorporar o racismo como um diagnóstico de época produtor de sofrimento com o qual opera a psicanálise que praticamos na APOLa. Incorporar o diagnóstico de racismo como forma particular dentre outras tendências diagnosticadas em nossa PIC, que precisa ser destacado e nomeado em sua especificidade.

Posso dizê-lo de outra forma, o efeito do devir do sujeito da ciência, suas consequências/tendências “antropológicas”, no Brasil, não se limitam à exclusão da verdade ou à

⁶ Mbembe, A (2018). *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições. p. 92.

⁷ Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural*. Belo Horizonte. Letramento. p. 32.

alienação no discurso científico-objetivador, mas se desenvolve ao longo de uma complexa teia de relações e efeitos sociais e subjetivos cujo **diagnóstico inequívoco é: racismo**.

Assim como uma instituição tem uma ação condicionada a uma estrutura social previamente existente, [...] o racismo que essa instituição expressa também faz parte dessa mesma estrutura.⁸

Ao não assumirmos explicitamente o racismo como um diagnóstico do mal-estar cultural com que opera a psicanálise de APOLa, não apenas limitamos a potência da nossa investigação, mas também nos ligamos inconscientemente ao racismo estrutural e institucional; e nos aproximamos da posição de psicanálise hegemônica à qual nos propomos em oposição e como alternativa. Como diria Bento, passamos a apoiar um “pacto de ramificação” que, sob o ideal colonial, entende que não é necessário discutir questões específicas como o racismo e prefere utilizar outras formas de opressão, generalizando seus efeitos socioculturais e subjetivos.

Assim, ao incluir o racismo como diagnóstico de época no PIC, incluímos melhor a particularidade cultural no nosso programa de investigação. Em outras palavras, o racismo no Brasil – mas também na América Latina – como particularidade social e cultural dos efeitos antropológicos da revolução epistêmica do sujeito da ciência. O diagnóstico do racismo permite-nos pensar com mais força e precisão sobre a particularidade – cultural e social – do sujeito da psicanálise. Ao escrevê-lo, podemos distingui-lo de outras formulações, por exemplo, o bioismo ou o segregacionismo, que, sob o pretexto da inclusão, produzem uma assimilação capaz de apagar traços distintivos do racismo.

Nesse sentido, acompanhamos o argumento de Sueli Carneiro, quando defende não apenas a inclusão, mas também a introdução do dispositivo de racialidade na psicanálise. Esta introdução deve evitar que seja incluída e assimilada por outras realidades que possam produzir importantes efeitos de apagamento. Para ilustrar isto, vale a pena mencionar a sua crítica ao dispositivo da sexualidade de Foucault – tão fundamental para a descoberta da psicanálise; e, acrescentamos, para a estagnação do seu conhecimento – na medida em que supõe uma sobreposição tácita com o dispositivo da racialidade. A autora considera a racialidade como um dispositivo para produzir um campo ontológico, epistemológico e de poder, capaz de concretizar modos de subjetivação. Isto implica, fundamentalmente, reconhecer: a) que assim como na sexualidade há um desejo de conhecer a verdade por parte do sujeito, neste caso através do conhecimento, da prática discursiva,

⁸ Idem (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. p. 47.

sobre as pessoas negras; b) esses saberes, os discursos, caracterizam-se pela produção e redistribuição de prazeres e enunciados mais válidos que outros em determinado regime de verdade; c) produz uma ontologia do ser e da diferença, onde a construção do negro como Outro, como diferença, permite estabelecer hierarquias entre ser e não ser, superior e inferior, etc.

Para conseguir a distinção deste dispositivo de racialidade, a autora recorre à noção de “contrato racial” do filósofo Charles Mills, situado no século XV após as expedições de conquista e nos séculos XVII e XIX no imperialismo europeu. Basicamente, é um contrato fundamentalmente baseado no diferenciador racial, onde brancos iguais expulsam aqueles que são diferentes ao estado de natureza. A diferença entre brancos e não-brancos organiza todos os padrões de poder na hierarquia social.

É verdade que partimos de afirmações gerais – e efeitos – sobre o racismo individual, institucional e estrutural, ou seja, sobre as relações raciais. Contudo, propomos que nossas pesquisas em psicanálise possam contribuir a partir da especificidade de pensar/teorizar sobre os limites dos textos/conhecimentos/discursos do dispositivo da racialidade, ou seja, dos problemas que cercam a enunciação da diferença vinculada a esse dispositivo. Para isso resta saber se o PIC é internacional, se é UM. Nesse caso devemos adicionar uma linha -apresento uma tabela parcial.

Individualismo
Biologicismo
Nilismo
Sexualização da identidade
Racismo

Caso contrário, deveríamos pensar em incorporar a lógica das colunas para que cada cultura e sociedade (cada sede) coloque a sua particularidade (apresento uma tabela parcial).

Individualismo	Racismo
Biologicismo	
Nilismo	
Sexualização da identidade	

BIBLIOGRAFIA:

1. APOLa. (2023). *Programa de investigação científica em psicanálise*. Disponível em: <https://apola.online/pdfs/PicPor2023.pdf>
2. Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural*. Belo Horizonte: Letramento.
3. Almeida, S. L. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen.
4. Bento, M. A. S. (2014). Branqueamento e branquitude no Brasil. Em Bento *et al.* *Psicologia social do racismo: estudos sobre a braquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes. pp. 24-58.
5. Bhabha, H. (2019). *O lugar de la cultura*. Buenos Aires: Manantial.
6. Carneiro, S. (2023). *Dispositivo de racialidade. A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar.
7. Eidelsztein, A. (2008). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. Vol. 1. Buenos Aires: Letra Viva.
8. Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. Em *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 104-126.
9. Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Em *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 869-892.
10. Mbembe, A (2018). *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições.
11. Souza, J. (2003). *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UFMG/Iuperj.
12. Taylor, C. (2005). *Hegel e a sociedade moderna*. São Paulo: Loyola.

MARTÍN MEZZA

Psicólogo (UBA). Psicanalista sócio de APOLa internacional e diretor de APOLa Salvador. Magister em Saúde Mental Comunitária (UNL,a). Doutor em Saúde Pública (ISC-UFBA). Pós-doutorando em participação social e incorporação de tecnológicas em saúde (ISC-UFBA).

E-mail: martinmezza@hotmail.com